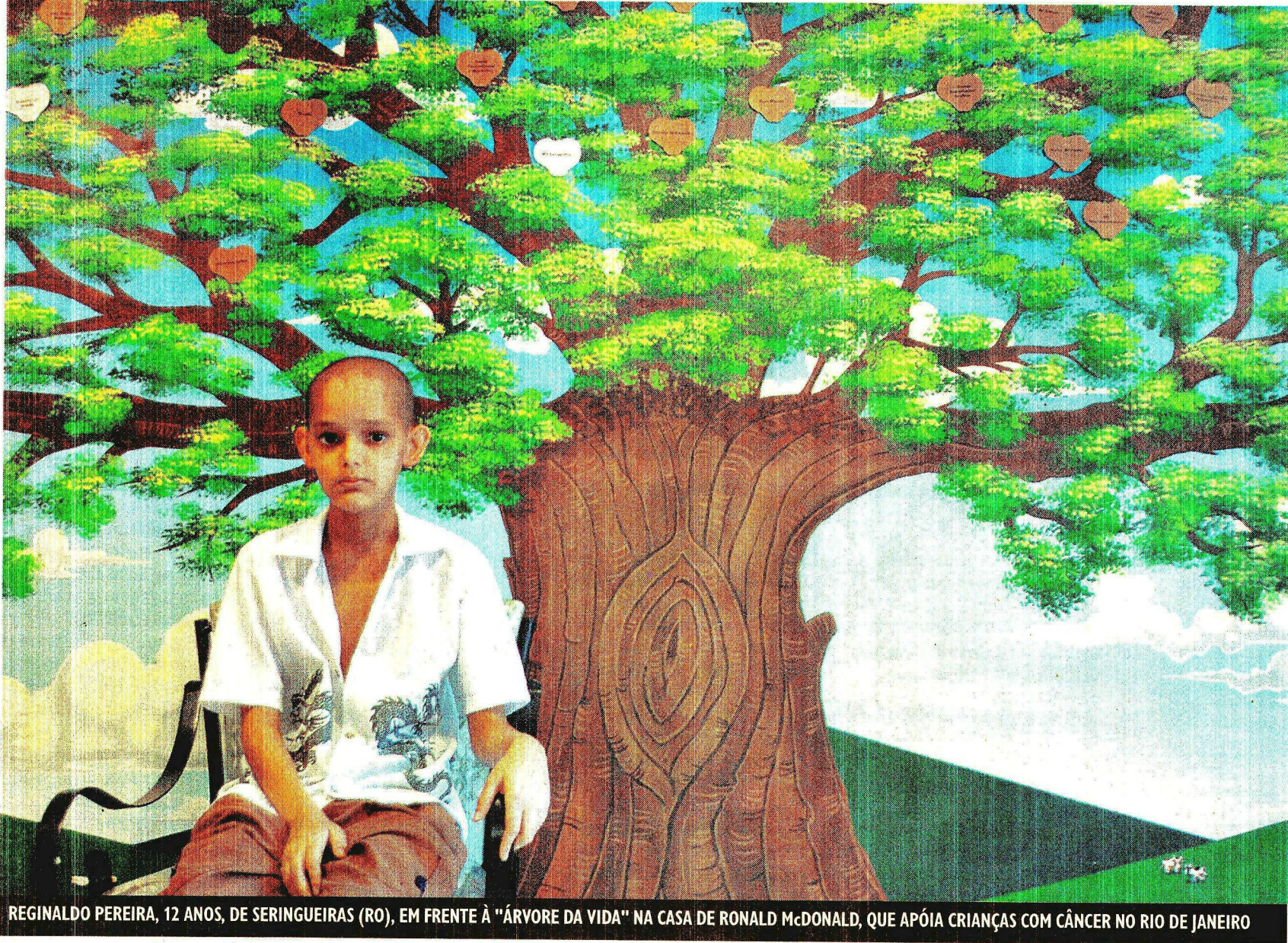




REGINALDO PEREIRA, 12 ANOS, DE SERINGUEIRAS (RO), EM FRENTE À "ÁRVORE DA VIDA" NA CASA DE RONALD McDONALD, QUE APÓIA CRIANÇAS COM CÂNCER NO RIO DE JANEIRO

SAÚDE

O câncer registra altas taxas de mortalidade no DF, mas o descaso e a burocracia travam soluções como a construção do centro de radioterapia do HUB

Estatísticas desoladoras

ANA BEATRIZ MAGNO E JOSÉ VARELLA

ENVIADOS ESPECIAIS

Rio de Janeiro — Dados do Instituto Nacional do Câncer (Inca) mostram que o Distrito Federal tem a maior taxa do país de mortalidade feminina por câncer de mama. São 97,17 óbitos por cada 100 mil brasileiras, enquanto a média nacional é de 70,9. Está também no DF o terceiro maior índice do Brasil de mortes por câncer de próstata — menor apenas que os do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Os números são ainda mais devastadores quando se descobre que o câncer é a doença que mais sacrifica crianças e adolescentes com idade entre 5 e 18 anos no DF. Mata mais do que pneumonia, diarreia e viroses. Hoje há cerca de 450 crianças em tratamento. Lutam contra um monstro que não compreendem e enfrentam a vilania da fátia mais castigada da capital do Brasil: a saúde pública.

Os elevados indicadores do DF apontam aquilo que os médicos oncológicos da cidade repetem há anos — que a dor de mulheres, homens e crianças candangas poderia ser muito menor se as autoridades sanitárias e políticas enxergassem o câncer como ele realmente é. “É um problema de saúde pública e como tal depende de ações preventivas, de diagnósticos precoces, de recursos financeiros, de profissionais qualificados e de acesso a modernos tratamentos”, resume Rita Byinton, médica sanitária, diretora do Hospital

do Câncer 1, a maior das unidades do Inca, localizado num endereço histórico do Rio de Janeiro, a Praça da Cruz Vermelha, no centro carioca.

Burocracia doente

Mas as autoridades de Brasília parecem pensar diferente da doutora do Rio. Há três anos o DF ganhou a chance de melhorar o serviço oncológico e reduzir a sobrecarga do Hospital de Base, único da região que oferece radioterapia. Oferece, em termos. Tem apenas um acelerador linear, as filas são grandes, volta e meia o aparelho quebra. A missão do acelerador é árdua. Ele emite radiações para destruir as células cancerígenas e é uma das armas mais usadas na guerra contra os tumores de mama, por exemplo.

A outra técnica bastante recorrente para enfrentar cânceres ginecológicos chama-se braquiterapia — a paciente recebe uma espécie de semente radioativa, implantada próxima à área doente. Nenhum hospital público do DF faz braquiterapia. Falta o aparelho. “Os pacientes são mandados para o Hospital Santa Lúcia ou para fora do DF”, lamenta o mastologista José Antonio Ribeiro Filho.

Foi justamente para resolver esses déficits que em 2004 o Inca decidiu repassar ao DF R\$ 2,6 milhões em sofisticados equipamentos radioterápicos, entre eles um novo acelerador e um aparelho de braquiterapia. A idéia era construir o maior centro de radioterapia da capital, que se chamaria Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon), funcionaria num prédio novo

no Hospital Universitário de Brasília (HUB) e seria construído com R\$ 2,5 milhões do Fundo Nacional de Saúde. O projeto do Cacon foi aprovado pelo Ministério da Saúde, pela UnB e pela secretaria de Saúde do DF. Em maio de 2005, o Inca mandou os principais aparelhos para Brasília.

“Achávamos que valia a pena. Há 4 mil casos novos de câncer por ano no DF e mais de 60% dessas pessoas precisam de radioterapia”, explica o médico Roberto Parada, diretor da Divisão Oncológica do Inca e responsável pelo Projeto Expande, programa do Ministério da Saúde criado para ampliar o sistema de tratamento do câncer em todo país. Brasília foi um dos locais escolhidos para acolher o Expande. “Já implementamos em 12 cidades, só no DF está dando problemas.”

Esperança no exílio

Problema é uma palavra modesta para o caso. Conforme o **Correio Brasileiro** noticiou em quatro reportagens na semana passada, os aparelhos estão encaixotados há dois anos num canteiro de obras do HUB. A construção do Cacon começou em 2004 e está parada há 13 meses, por uma multiplicação de encrencas que vão desde o embargo da obra por invasão de área pública até a desistência da empreiteira que começou o serviço. Fatos que pouco têm a ver com saúde pública e com a urgência de quem tem de vencer uma enfermidade que só em 2005 matou 140 mil cidadãos em todo o país.

Nos últimos dois dias, a equipe do

Correio visitou os serviços de radioterapia do Hospital de Base e do Inca, no Rio de Janeiro. Os dois são hospitais públicos. Os dois socorrem a dor de milhares de cidadãos que vêm a vida mudar da noite para o dia quando um médico lhes conta que um tumor cresce sorrateiramente em seus corpos. A diferença é que em Brasília os pacientes se espremiam num HBDF decadente, em obras há mais de cinco anos, sujo, superlotado, com macas pelos corredores, e se se desesperam quando percebem que a espera os está aproximando da morte.

É evidente que no Rio também há filas. Mas os doentes andam por instalações limpas, sem luxo, porém decentes, e têm acesso ao que há de mais moderno em tratamento oncológico. É uma diferença e tanto para gente como Marcos Yuri Bernardo Ferreira da Silva, de oito anos, nascido em Brasília, e convencido de que está longe de sua cidade natal, mas perto da cura.

“Nós viemos de Brasília para o Rio para salvar nosso filho. Ele tem leucemia. Andei um ano pelos hospitais do DF, mas ninguém me dava o diagnóstico. Diziam que ele tinha febre e gripe”, conta Neide Barbosa, ex-professora em Samambaia e agora inquilina da esperança no Instituto Ronald MacDonald, instituição que acolhe crianças de fora do Rio durante as temporadas de terapia na Cidade Maravilhosa. “Eu precisava de uma medula e ganhei. Pedi com muita força e ganhei. Vou poder brincar”, emenda o pequeno exilado cangando no Rio de Janeiro.

GUERREIROS

Eles lutam contra o câncer no Rio de Janeiro. Fazem ou fizeram radioterapia no Inca. Sentiram a radiação espalhar queimaduras em seus corpos durante o tratamento, mas não deixaram a dor queimar o que guardam de mais precioso: a esperança.

MARCOS YURI BERNARDO FERREIRA DA SILVA

Idade: 8 anos

Natural de: Brasília

Esperança: Vencer a leucemia que o castiga desde bebê.

Batalhas: Marcos Yuri nasceu no Hospital Regional da Asa Sul em 29 de janeiro de 1999 e ainda bebê adoeceu, tinha muita febre, muita dor. A família morava em Samambaia, onde até hoje vive sua avó, uma senhora que telefona todos os domingos para o neto, não resiste ao ouvir a voz do menino e chora ao telefone. “Ele é um guerreiro, tem tanta vontade de viver que, na Páscoa do ano passado, pedia para todos que encontrava uma medula de presente”, conta a mãe, Neide Barbosa. Para conseguir o presente, Yuri não se intimidava. Pedia assim: “Me dá uma medula, por favor, é muito importante. Eu preciso viver”. Ele conseguiu. Fez o transplante há nove meses.

REGINALDO DALMONECK PEREIRA

Idade: 12 anos

Natural de: Seringueiras, no interior de Rondônia

Esperança: Vencer um carcinoma, tipo de câncer que se instalou em seu pescoço.

Batalhas: Reginaldo conta os dias, as horas e as sessões de radioterapia que lhe restam até ser liberado para voltar para casa, na pequena cidade de Seringueiras, nos confins de Rondônia. “Faltam 10 sessões de radio. A radioterapia me deixou todo queimado no pescoço, eu não conseguia nem engolir”, conta o menino. Quando descobriu que Reginaldo tinha câncer, a família pensou que iriam mandá-lo para Brasília, porque é principal capital perto da Amazônia. “Mas não tinha vaga e então viemos para o Rio. Fiquei meio desesperada porque é uma cidade muito grande”, desabafa Noeli Rohr da Silva, madrastra de Reginaldo, menino que aos 12 anos já conhece dores terríveis. “Minha mãe foi embora para a Espanha”, conta o garoto, há seis meses no Rio de Janeiro. “Já fui à praia. Mas prefiro minha cidade. Aqui tem muito muro rabiscado e muito esgoto no chão.”

MARIA LUIZA SALLES

Idade: 50 anos

Natural de: Cachoeira de Macacu, no interior fluminense

Esperança: Vencer um câncer de mama, doença que já levou quatro parentes seus.

Batalhas: Ela já passou pelo mais difícil e está consciente de que não pode faltar às consultas médicas para checar se a doença voltou. Maria Luiza descobriu em 2000 que sofria do mesmo mal que a deixara órfã de mãe. “Minha mãe morreu de câncer de mama, mas ela não tinha nenhuma informação, morava na roça, nunca fez um auto-exame. Ela morreu achando que tinha problemas cardíacos”, lembra a mulher, integrante de uma linhagem que sofre com câncer. “Na minha família essa praga parece que é genética. Já matou minha mãe, minha avó, meu tio e minha prima de 38 anos. Por isso eu não posso vacilar.” Maria Luiza descobriu a doença tomando banho. “Percebi os caroços e fui para o médico. O câncer estava no começo. Esse é segredo para a cura. Eu nem perdi a mama.”